

liberal de toda a educação é o que mais obviamente permite estabelecer uma ligação – essencial no esquema aristotélico, mas nada pacífica, e não discutida no livro – entre ensino (aprendizagem de matérias, transmissão de conhecimentos) e educação (formação superior, criação de homens completos), que permita esclarecer as dúvidas que imediatamente põe quem leia as primeiras linhas da *Metafísica*: que saber é esse, que todos os homens desejam? Todos eles desejam o mesmo? Todos eles podem e devem procurá-lo da mesma maneira? Todos eles podem alcançá-lo? 5. Grammaire, gymnastique et musique (23 pp.), onde é analisado, no seguimento implícito dos dois anteriores capítulos, o papel atribuído pelo estagirita às diferentes disciplinas, às suas respectivas prioridades e funções, e as suas críticas à exagerada atenção, prestada noutros esquemas educativos, a uma ou outra dessas disciplinas. 6. Culture et loisir (15 pp.), onde são referidos os aspectos daquilo a que poderíamos, hoje, chamar a formação contínua dos cidadãos: a educação física, as refeições em conjunto (que favorecem a sociabilidade), o teatro, que contribuem para a vida de ócio, própria de verdadeiros homens. Estes seis capítulos são precedidos de uma introdução (19 pp.) e seguidos de uma conclusão (7 pp.)

O principal defeito do livro é, como dissémos, a tendencial atomização das suas exposições; de facto, se é possível encontrar um fio em toda a discussão aristotélica da temática em apreço, ele é, sem dúvida, o da ordenação política de toda a educação, como fica expresso no primeiro capítulo; mas essa relação não é explicitamente estabelecida no resto do texto, excepto, indirectamente, no capítulo 4, com a apresentação dos aspectos «gratuitos» da educação. Um outro aspecto menos positivo é o facto de o livro ser excessivamente expositivo, sem ter a preocupação de discutir as temáticas que trata; este facto é salientado tanto pelo excesso de citações, como pela limitada bibliografia que cita, entre a qual apenas dois títulos – um artigo e um livro – tratam especificamente o tema da educação, o primeiro em Aristóteles, o segundo, na Antiguidade em geral.

Finalmente, dois apontamentos de ordem técnica: nem sempre o autor refere a origem de longas frases que põe entre aspas, o que faz supor que serão citações – v., e.g., p. 62 (l. 12-15); p. 98 (l. 11-16); p. 115 (l. 22-24); e também não cita algumas das referências que faz, nomeadamente em nota – v., e.g., nota 1, p. 36; nota 1, p. 56.

Maria José Figueiredo

ANTÓNIO PEDRO MESQUITA, *Fédon, de Platão – Leitura orientada e propostas de trabalho*, Lisboa, Texto Editora, 1995, 96 pp.

1. A obra que se apresenta, a partir do sub-título, como leitura orientada do *Fédon* e propostas de trabalho sobre o mesmo, consta de um curto preâmbulo, em que o autor explicita os objectivos que visa, e de duas partes fundamentais. Na primeira, abordam-se, nas suas linhas gerais, as grandes coordenadas que

permitem enquadrar devidamente a leitura do diálogo de Platão, subdivididas em três capítulos, referentes respectivamente à sua personalidade e vida, à sua obra e ao seu pensamento. Na segunda, trata-se directamente da hermenêutica do diálogo, em dois momentos distintos, sendo o primeiro propedêutico do segundo: inventariam-se, preliminarmente, as características que constituem os requisitos possibilitantes da plena inteligibilidade do texto – históricas, dramáticas e filosóficas propriamente ditas; e seguidamente, analisam-se detidamente a estrutura e conteúdos do referido diálogo, constituindo estas páginas o núcleo duro da actual publicação que visa, para lá da introdução à leitura do *Fédon*, facultar uma via de acesso à compreensão de Platão. Integram ainda este volume uma página de pertinentes propostas de trabalho e uma bibliografia seleccionada de entre os numerosos títulos que são indicados em notas de rodapé.

2. No preâmbulo, o autor define os objectivos da obra e os seus eventuais destinatários. Tendo em conta a polivalência do diálogo platónico cuja leitura guiada pretende levar a cabo, a introdução a esta obra poderá facultar, simultaneamente, uma entrada privilegiada para se iniciar no estudo de Platão e, através deste, no da Filosofia Antiga. Assim, numa primeira aproximação, o público visado será constituído por todos os que possam interessar-se por filosofia: estudantes do Ensino Secundário ou Universitário, ou outros, simplesmente curiosos e potenciais amantes do saber. Mas, de um modo particular, o presente volume visa constituir um instrumento de trabalho dos alunos de Filosofia do 12º ano, dado que do programa desta disciplina, assente na leitura integral de três obras filosóficas de entre um elenco múltiplo e díspar, consta o dito *Fédon*.

Daí que o autor tenha procurado adequar o seu guião de análise às indicações do referido programa de Filosofia do 12º ano, nomeadamente «na sua exigência basilar de leitura integral da obra filosófica, mediante a interpretação e o comentário (p.3)», não se cingindo, no entanto, à orientação de estudar a obra filosófica em si mesma, desconectada do autor e das temáticas tratadas. Com efeito, o autor avisadamente entende que «resulta filosófica e pedagogicamente impropriedade situar o aluno desta faixa etária e deste nível de ensino perante uma obra de que se desconhece o autor, o contexto, a importância filosófica intrínseca e a projecção histórico-filosófica», pelo que orientou este volume no sentido de se instituir «como um «roteiro» do diálogo platónico nas suas diversas dimensões de levantamento estrutural, de análise temática, de exposição doutrinária, de conceptualização histórico-filosófica e de problematização filosófica (p.4)». Ao adoptar esse percurso, intentou ultrapassar as manifestas incongruências das considerações metodológicas que acompanham o referido texto programático e que deveriam ser convenientemente explicitadas, a bem de todos nós¹.

¹ Os aspectos mais gritantes dessas incongruências constam sobretudo do ponto 4 do referido Programa, pp.11-13, subordinado ao título genérico «Princípios programáticos»: depois de se declarar que se pretende instituir o ensino-aprendizagem da filo-

3. A parte introdutória cumpre de forma satisfatória as finalidades que se propunha alcançar, no que respeita à biografia do filósofo e aos dados atinentes à ordenação das obras do corpo platónico, bem como à discussão das respectivas datações e correspondentes hipóteses de periodização. Quanto à perspectiva geral relativa ao pensamento de Platão, enfrenta-se com um triplo conjunto de questões: as que se reportam às influências que confluem na génese da sua filosofia; a discussão sobre os principais núcleos temáticos desta; a controvérsia acerca da evolução do seu pensamento e eventuais etapas a considerar nessa evolução.

Importa relevar que quanto ao segundo ponto, o autor assume, sem menosprezo dos outros enfoques possíveis, que «a questão ontológica é o motivo norteador primeiro da filosofia platónica (p.26)», constituindo a doutrina das ideias «o núcleo fundamental e fundante da filosofia platónica (*ibid.*)». Deste modo, «as próprias influências que o pensamento filosófico sofre, simultaneamente confirmam e implicam este primado da teoria das ideias e o conjunto de vertentes que articuladamente dela decorrem (*ibid.*)».

Nesta ordem de considerações, ao focar as grandes questões da filosofia de Platão, o autor enfatiza duas: a teoria das ideias e a imortalidade da alma. A descoberta da doutrina das ideias, ao vincular-se ao exercício do diálogo socrático, envolve a aceitação de dois pressupostos: a verdade reside virtualmente na alma, não podendo ser nela inculcada por nenhum meio exterior; não se pode ensinar nada a alguém, mas sim apenas promover a descoberta, por parte do discípulo, da verdade que traz em si (p.31). Assim, o estudo da doutrina das ideias conduz à admissão de um princípio que se apresenta como condição da possibilidade do conhecimento verdadeiro que é o da imortalidade da alma. E desde logo a exigência da imortalidade da alma surge sob uma dupla forma que irá comandar toda a reflexão subsequente: a imortalidade como «duração» da alma, precedendo a sua relação com o corpo e sobrevivendo-lhe; a imortalidade como «natureza» da alma (p.37).

Estes pontos, destacados na introdução, irão constituir o eixo crucial do guião que acompanha a leitura e o comentário do texto.

sófia «processado através da leitura integral da obra filosófica, mediante a interpretação e o comentário (p.11)», explicita-se essa pretensão dizendo que «este ensino não partirá da formulação temática para a obra a fim de nesta encontrar a compreensão daquela; nem dos autores para as obras e destas para a formulação temática; mas deverá tomar a própria obra como ponto de partida e o seu entendimento como ponto de chegada»; o que não impede que adiante se diga que «em si mesma, por virtude do seu discurso filosófico, a obra possui uma potencialidade de informação temática e de abertura à universalidade do saber filosófico, a qual ultrapassa os limites formais do seu texto (p.13)». Por conseguinte, uma vez que a obra se situa «na plúrima contextualidade do conjunto das obras do seu autor e das obras tanto da sua como de outras épocas que nela se reflectem ou dela apresentam reflexos mediante múltiplas formas de transmissão discursiva», impõe-se à interpretação hermenêutica explorar «as dimensões relacionais de tais contextualidades (pp.13-14)», etc, etc. Em que ficamos?

Na segunda parte, faz-se o levantamento das características históricas e dramáticas em que se desenrola o diálogo, seguindo-se a análise, em termos genéricos, das suas temáticas filosóficas fundamentais: a própria ideia de filosofia, protagonizada pela figura de Sócrates e os dois núcleos problemáticos, antes referidos, concernentes à doutrina das ideias e à imortalidade da alma.

Sendo «a tese da congenialidade da alma e das ideias» um ponto charneira entre a teoria das ideias e a questão da imortalidade da alma, não será indiferente dar o primado à doutrina das ideias ou à imortalidade da alma, na investigação subsequente. A posição do autor é claramente assumida a favor da segunda hipótese: «O Fédon é, até no seu sub-título tradicional, um diálogo sobre a imortalidade da alma (p.49)». Aceitando pois que a imortalidade da alma se constitui como tema ordenador da estrutura do diálogo, nesta podem ser assinalados «três momentos sucessivos»: a introdução «em que se justifica dramática e filosoficamente a discussão deste tema e se enunciam os elementos conceptuais e metodológicos que a regerão»; uma parte mais longa em que se discutem os argumentos e contra-argumentos sobre a imortalidade da alma; e a intervenção final de Sócrates descrevendo um mito sobre o destino das almas (p.47-48), sendo o plano esquemático correspondente a esta trama discursiva apresentado a seguir (p.49). Ao admitir como tema central do diálogo a discussão da imortalidade da alma, busca-se situar esta problemática no quadro mais amplo do debate helénico da questão, com oportunas indicações de textos e esclarecimentos relativos a nomes e a conceitos, que apoiam, nas notas de pé de página concisamente elaboradas, as referências feitas no decurso da exposição. Deste modo, chega-se ao cerne deste roteiro de iniciação ao estudo de Platão, abordando, por fim, a análise da estrutura e conteúdos do diálogo.

Mas não julgue o leitor apressado que terminaram as introduções desta introdução: o autor designa-as como «antecipações» (pp.56-60) e se somos levados a sorrir perante todo este afã propedêutico, porventura esta pedagogia decorre da própria pedagogia platónica, na medida em que é a partir das diferentes passagens do texto que se destacam os sucessivos trâmites: introdução memorial (57a-58d); introdução dramática (58e-60b); introdução filosófica (60b-64c); introdução temática (64c-69e) (p.49).

Gostariamos de relevar alguns aspectos, a partir dos conteúdos focados, como sendo particularmente interessantes: a importância reconhecida à oposição dos contrários como «conceito articulador» da própria demonstração da imortalidade da alma (pp.58, 68 e ss.); a ideia da filosofia como purificação (pp.60 e ss., 79), o facto da imortalidade da alma se apresentar como «uma convicção racional»(p.65) ou «uma bela esperança» (p.66), decorrendo a discussão da mesma entre «filosofia» e «poesia» (pp.59-60); o confronto dos dois paradigmas da inteligibilidade da alma, como «duração» e como pesquisa da sua «natureza», participante das ideias (pp.79-82); a «permanente encruzilhada», que reaparece ao longo do diálogo, entre a imortalidade como «essência» da alma e a imortalidade como «destino» da mesma (p.91), a «postulação do método hipotético» para demonstrar «a natureza imortal» da alma (p.88) e a

consciência das limitações inerentes a todos os intentos de provar discursivamente algo que se assume como uma crença, susceptível de justificação racional, mas irreduzível ao estatuto de ciência (p.91).

4. Esta sucinta resenha não pode dar conta adequadamente da riqueza dos elementos de informação e de análise que este «roteiro» da leitura de Platão proporciona ao estudioso do *Fédon*. Faremos algumas breves considerações sobre o que julgamos digno de nota, no plano pedagógico-didáctico em que este volume se inscreve pelos objectivos que se propõe. Em primeiro lugar, parecem-nos ajustado salientar o mérito de aliar o intentar ser uma obra de divulgação, um instrumento de iniciação à leitura de Platão, e, simultaneamente, manter o rigor e o nível de profundidade de um texto universitário. Em segundo lugar, e precisamente por ter as características antes referidas, julgamos que este pequeno mas denso volume poderá ser um excelente auxiliar para os destinatários que privilegiadamente visa, os estudantes de filosofia do 12º ano, com a aconselhável mediação dos respectivos professores. A estes caberá, de certo modo, «gerir» os muitos materiais que o referido volume reúne e que pretendem abrir caminho à leitura fecunda do *Fédon*. Em terceiro lugar, no plano da comunicação didáctica, nem sempre esta obra se revestirá das formas de expressão mais convenientes: as frases são, muitas vezes, demasiado longas, os termos, por vezes, um tanto difíceis, o texto, na medida em que é rico e elaborado, nalgumas passagens, porventura excessivamente compacto e pouco acessível aos jovens destinatários.

Ainda no plano pedagógico-didáctico, as propostas de trabalho apresentadas (p.94) parecem-nos ser muito felizes, pelas pistas de investigação que sugerem e pelos estímulos que oferecem para um trabalho de reflexão e de síntese.

A bibliografia seleccionada que fecha o volume fornece ao interessado uma informação equilibrada que o permite situar em relação ao estudo do *Fédon* e, através deste, ao do pensamento de Platão. Cumpre assinalar os escritos que o autor tem vindo a dedicar à filosofia platónica: «O argumento ontológico em Platão I: O problema da imortalidade», in *Philosophica* 2, 1993, pp.31-42; «O argumento ontológico em Platão II: a imortalidade do problema», in *Philosophica* 3, 1994, pp.85-109; *Reler Platão-Ensaio sobre a teoria das ideias*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994.

Maria José Vaz Pinto